

ZUR AUFFASSUNG DER APHASIEN: A VIGÊNCIA DE FREUD PARA O ESTUDO LINGÜÍSTICO DAS AFASIAS*

Lucilene de CARVALHO

RESUMO *O principal objetivo do trabalho em questão é uma leitura crítica, do ponto de vista da Lingüística, do texto de Sigmund Freud Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie, de 1891.*

Excluído das Obras Completas de Freud e tendo causado pouquíssima repercussão, Sobre as Afasias tem, como fio condutor, uma dura crítica aos principais modelos teóricos comumente encontrados na Neurologia e Afasiologia do final do século XIX. Levando em conta a argumentação de Freud, bem como sua própria abordagem acerca do fenômeno afásico, a proposta deste trabalho é delinear os possíveis pontos de contato entre os posicionamentos de Freud e alguns dos princípios teórico-metodológicos que norteiam as concepções da Neurolingüística enunciativo-discursiva, tais como: a dimensão simbólica da linguagem; as noções de funcionamento e interação; a subjetividade; as relações entre normalidade e patologia.

SUMMARY *The main objective of this paper is a critical study about On Aphasia - Sigmund Freud's neurological work from 1891 - considering the discursive point of view of a certain approach in Neurolinguistics. Written by the young neurologist, forgotten and excluded of Freud's Collected Papers, On Aphasia is based on a critical review of the current theories usually found in the context of Aphasiology and Neurology in the 19th century. Taking into account Freud's arguments, and his conceptions as well, the purpose of this work is the circumscription of the possible links between freudian arguments and some of the methodological and theoretical principles that underline the conceptions of the discursive Neurolinguistics, such as: the symbolic dimension of language; the functionalism and interacionism; the subjectivity; the relations between normality and pathology.*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 05 de dezembro de 2001, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Irma Hadler Coudry.

Assumindo o ponto de vista da Lingüística, ou, mais especificamente de uma Neurolingüística de cunho enunciativo-discursivo¹, o objetivo desta proposta está no empreendimento de uma leitura do texto *Zur Auffassung der Aphasien: eine kritische Studie*, doravante *Sobre as Afasias*, considerado por muitos autores como o primeiro de uma longa série de trabalhos teóricos, escrito pelo jovem médico vienense Sigmund Freud, dos idos de 1891.

A leitura do texto de Freud tem como alvo as possibilidades de articulação entre determinadas formulações que o autor estabelece à medida que dirige suas críticas a certos estudos neurológicos e afasiológicos do final do século XIX e certos princípios teórico-metodológicos que regem o estudo discursivo das afasias.

Como aponta Stengel, *Sobre as Afasias* tornou-se conhecido apenas por um pequeno círculo de estudiosos e, inacessível que ficou durante muitos anos, era visto até bem pouco tempo como um item a mais na lista das publicações pré-psicanalíticas de Freud²:

“o livro parece ter recebido pouca atenção imediata, e suas vendas foram decepcionantes. O autor, por sua vez, mirava seu livro com certo orgulho, e, em uma de suas cartas, se refere a ele como ‘algo realmente bom’, mas sem deixar de lamentar-se, uma vez que quase não fora levado em conta” (Stengel, 1973, tradução minha).

Sacks (2000) faz apontamentos semelhantes aos de Stengel, e lembra que nem mesmo a famosa monografia de Henry Head em torno da questão das afasias, publicada em 1926, fez referência ao livro de Freud, e este último, por sua vez, tratou-o como um “fracasso respeitável”, comparando o absoluto silêncio em torno dele com o acolhimento recebido por seu trabalho sobre as paralisias cerebrais na infância:

“Há algo de cômico na incongruência entre avaliação que se faz do próprio trabalho e a das outras pessoas. Veja meu livro sobre as diplegias, que improvisei de maneira quase

¹ Aqui se fala especialmente do estudo *enunciativo-discursivo* desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem, na UNICAMP, que teve seu início com a incorporação dos postulados de Franchi (1976;1977) aos estudos discursivos da afasia por parte de Coudry (1986/1988). Assim, parece apropriado que se esclareça desde já as razões para o emprego desta denominação para tal estudo lingüístico. No período entre 1987 e 1992, mediante a necessidade de integrar os estudos patológicos (realizados desde 1982) às “novas tendências” que se colocavam para a Análise do Discurso (cuja referência foi o autor Dominique Maingueneau), foi assumida, para dar conta das vias explicativas dos fatos patológicos, uma teoria de linguagem que se convencionou denominar *enunciativo-discursiva*. Através dessa abordagem “se explicitam e se tratam conceitualmente princípios que, desde o início, nortearam os estudos neurolingüísticos de tradição proeminentemente lingüística: a questão dos processos de significação. *Enunciativo* porque importa a *enunciação para o outro*, em meio a contingências próprias de uso social da linguagem; *discursivo* porque é a forma da linguagem expor-se como atividade significativa, condicionada por fatores ântropo-culturais dissimulados ou aparentes” Coudry (1997).

² O próprio Freud afirmou que seus estudos sobre a afasia faziam parte de seus trabalhos neurológicos, não devendo, portanto, ser incluídos em seus trabalhos psicanalíticos.

negligente, com um mínimo de interesse e esforço. Foi um enorme sucesso... Já para as coisas realmente boas, como a 'Afasia', as 'Idéias Obsessivas', que ameaçam ser lançadas em breve, e a futura etiologia e teoria das neuroses, não espero mais do que um respeitável fracasso" (Freud, *apud Sacks*, 2000).

Segundo Stengel ainda, não há nada de surpreendente neste fato, afinal Freud não ocupava nenhum cargo oficial importante, bem ao contrário da situação daqueles que ele criticou severamente em seus escritos (notadamente Wernicke), ele não havia escrito uma linha sequer a respeito das afasias anteriormente e nem manteve-se ocupado com o assunto em anos posteriores e, além de tudo, o livro não trazia grandes novidades acerca de observações clínicas, tendo sido publicado em forma de monografia que rapidamente saiu de circulação.

Acredita-se que, de fato, o melhor do texto de Freud não está em nenhum caráter de originalidade com relação à prática clínica, ao contrário disso, parece claro que seu trabalho é muito mais algo da ordem de uma compilação (obviamente com toda a relevância de uma compilação feita por um dos maiores gênios do século XX), que envolve nomes de peso da Neurologia de sua época: Meynert, Bastian, Charcot, Wernicke, Lichtheim, Grashey. O supra-sumo de seu texto está justamente na maneira como Freud articula as idéias desses autores, rejeitando algumas e assumindo outras, e elabora sua própria interpretação das afasias e, principalmente, formula sua teorização acerca do funcionamento cerebral em conjunto com as noções de aparelho psíquico e aparelho da linguagem.

Segundo Birman (1993), apesar do esquecimento geral, existem diferenças significativas, entre as diversas tradições psicanalíticas, nas relações que estabeleceram com esse ensaio primordial. As tradições alemã, inglesa e norte-americana já lidam com o texto há algumas décadas, o que não ocorre com a francesa. Há uma edição em língua inglesa desde a década de 50³, e no final dos anos 70 surgiu uma edição em espanhol, publicada em Buenos Aires⁴. Na França, apenas nos anos 80 o ensaio teve a sua primeira edição, numa tradução bem elaborada⁵. Por fim, na década de 70, surgiu uma edição em língua portuguesa⁶.

Para o trabalho em questão, por contingências de ordem prática, foram utilizadas as edições da década de 70, notadamente a edição em espanhol, pois a versão portuguesa, como se pôde constatar – e como Birman (1993) também apontou – não está completa, não apresentando todos os capítulos da versão original.

Acredita-se que é importante frisar que a leitura pretendida acerca do texto freudiano está baseada num entendimento em termos de perspectiva e tempo, e não em relação aos compromissos que esse texto aponta com aquilo que virá a ser a Psicanálise posteriormente. Apesar de obviamente ser possível reconhecer termos,

³ Freud, S. (1953) *On aphasia*. Nova York: International Universities Press.

⁴ Freud, S. (1975) *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Vision.

⁵ Freud, S. (1983) *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF.

⁶ Freud, S. (1972) *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70.

idéias e construtos teóricos que virão a ser, anos mais tarde, de fundamental importância para a teoria psicanalítica, o foco deste estudo está sobre as considerações de Freud – especialmente as que concernem à linguagem – com relação às afasias, e nisto não parece fazer sentido incluir a Psicanálise no fulcro deste trabalho (mesmo porque isso exigiria a assunção de um posto de observação que nem sequer faz parte do contexto no qual este texto se encontra).

Portanto, interessa situar o texto de Freud em seu contexto mesmo de produção, ou seja, no âmbito da ciência neurológica da Europa, no meio da sociedade racionalista e burguesa do final do século XIX, e a partir daí delinear seus possíveis desdobramentos.

Sobre as Afasias é, assim, um texto de Neurologia, ou, ao menos, é um texto escrito pelo Freud *neurologista*, e nisto estamos próximos de Garcia-Roza (1991): “o texto de Freud é um texto de Neurologia. O que podemos dizer é que, enquanto texto de Neurologia, ele dá lugar a questões que ultrapassam em muito as da Neurologia da época”. Para além disso, acredita-se que tal fato torna a crítica de Freud ainda mais perspicaz, pois ela é feita de dentro para fora, ou seja, trata-se de um trabalho que surge para contrapor idéias que estão em seu próprio contexto de surgimento, é a crítica de um neurologista dirigida à própria Neurologia, marcando uma espécie de ritual de passagem do percurso freudiano na direção de posturas mais amplas e dinâmicas acerca da estrutura e funcionamento da vida psíquica dos indivíduos.

A argumentação de Freud recai principalmente sobre Wernicke, Lichtheim e Grashey – é sobre estes que Freud se detém mais longamente. As teorias desses autores continham duas hipóteses que Freud se propõe refutar. Como essas hipóteses foram absorvidas pela teoria de Wernicke e consideradas por ele como fundamentais, Freud dirige sua crítica à teoria deste último em especial.

A primeira hipótese afirma uma distinção entre a afasia decorrente da danificação de centros e a decorrente da danificação das *vias de condução*; a segunda hipótese refere-se às relações recíprocas entre os diferentes centros responsáveis pela linguagem. Estas duas hipóteses implicam a redução das funções do sistema nervoso a regiões anatomicamente determinadas, o que ficou conhecido como “teoria das localizações cerebrais” ou “localizacionismo”.

O trabalho de Broca, que conclui que uma lesão da terceira circunvolução do lobo frontal esquerdo causa a perda total ou parcial da linguagem articulada, e o trabalho de Wernicke, que encontra o correlato sensorial da afasia motora de Broca, levam a crer que a linguagem fica referida, em termos cerebrais, a um centro motor (área de Broca), a um centro sensorial (área de Wernicke) e a um sistema de fibras de associação ligando as duas áreas.

Com as teses desses dois autores, a perspectiva que se abre é a de se poder articular as diversas alterações da linguagem observadas na clínica a lesões cerebrais localizadas, além de uma compreensão do processo fisiológico da linguagem como sendo um reflexo cerebral.

Freud, apoiando-se em Jackson e Charcot, posiciona-se contra o localizacionismo:

“quer se trate das parafasias em particular ou dos processos psíquicos em geral, Freud é de opinião que não podemos procurar o substrato fisiológico da atividade mental na função desta ou daquela parte do cérebro, mas como resultado de processos que abarcam o cérebro em toda a sua extensão” (Garcia-Roza, 1991).

Além da afasia decorrente de uma lesão central, Wernicke propõe ainda uma afasia de condução, decorrente de lesão nas vias de associação entre os centros.

Para Freud, a afasia de condução de Wernicke simplesmente não existe, e, além disso, certas perturbações descritas por ele e por Lichtheim em nada diferem das perturbações e mutilações de palavras feitas por pessoas “normais” em *“caso de cansaço ou atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos”*. Ao chamar atenção para tal processo, Freud rompe também com outras idéias bastante correntes na época e que estavam nas bases rígidas da dicotomia normal/patológico. Nisto ele parece ainda mais genial; daí Verdiglione afirmar que *“a questão da afasia é em Freud bem mais subversiva que a descoberta nela, por parte de Jakobson, dos princípios da normalidade. De fato, cada ato de palavra estrutura-se em lapso, cujo sentido cai como efeito”* (1972). A trajetória que Freud realiza mostra-se muito interessante, por exemplo, para uma Linguística não-formal, porque seu interesse está claramente na linguagem cotidiana e ordinária. Para Freud, a subversão é da própria linguagem e não (apenas) da afasia. Isto é um salto bastante significativo, como este texto intenta demonstrar em linhas gerais.

Quando Freud declara que a afasia de condução de Wernicke não existe, ele não está negando a existência dos distúrbios da linguagem observados por Wernicke no contexto clínico, mas sim negando que se trate de “afasia de condução”, isto é, um distúrbio decorrente da destruição da via de associação entre o centro motor e o centro sensorial.

Freud denomina então a afasia de condução de Wernicke como “parafasia”, interpretando-a como um sintoma puramente funcional, que indicaria uma menor eficiência funcional do aparelho da linguagem considerado como um todo.

Após analisar os casos de afasia descritos a partir da concepção de Wernicke e Lichtheim, e de expor vários quadros cuja sintomatologia é incompatível com a concepção desses autores, Freud conclui pela impossibilidade de uma explicação fundada exclusivamente na hipótese da localização, descartando-a completamente, e propondo uma explicação fundada em uma hipótese funcional.

Assim, no caso de lesões destrutivas, o “aparelho de linguagem” responde de forma solidária, como um todo, apresentando uma perturbação de ordem funcional, que deve ser entendida como uma série de efeitos que devem ser relacionados com o funcionamento global do aparelho, ao invés de serem explicados em termos de uma relação mecânica entre o clinicamente observado e o anatômico.

Com isto, não se quer dizer que Freud recusa qualquer referência a áreas anatomicamente circunscritas, mas sim que ele recusa um certo biologismo, ou seja, a correlação ponto a ponto entre estímulos provenientes do mundo externo e representações localizadas em determinados pontos do córtex cerebral.

Com relação à linguagem, por exemplo, é possível inferir que, na opinião de Freud, numa franca alusão a Hughlings Jackson, há uma diferença – muito significativa – entre “localizar” a linguagem no cérebro e identificar regiões corticais especializadas (mas não exclusivas) no seu funcionamento.

A certa altura, Freud conclui:

“rejeitamos portanto as hipóteses de que o aparelho da linguagem consista em centros distintos, separados por regiões corticais isentas de funções e além disso que as representações (imagens mnésicas) que servem para a linguagem estejam acumuladas em determinadas áreas corticais denomináveis centros, ao passo que à sua associação precederiam exclusivamente as massas brancas fibrosas subcorticais. Só nos resta pois formular a hipótese de que a região cortical da linguagem seja um articulado tecido cortical dentro do qual as associações e as transmissões em que se apóiam as funções de linguagem procederiam com uma complexidade não propriamente compreensível” (Freud, 1891/1977, tradução minha).

O aparelho de linguagem precisa então ser concebido em termos estruturais, e não como uma soma de áreas corticais distintas. O “território” da linguagem define um lugar que é concebido por Freud como uma totalidade, como algo que não pode ser dividido ou fragmentado em “centros”, mas como algo unitário e indivisível. Talvez somente assim seja possível pensar num “aparelho de linguagem”.

Fica claro também no texto freudiano que o aparelho de linguagem não é um dispositivo situado na mente dos falantes e pronto para ser usado; este aparelho é algo que se constrói gradativamente pela aprendizagem. Uma tal construção, por sua vez, não se faz sem uma relação com o *outro*, que se constitui num *outro aparelho de linguagem*, e que nos coloca no âmbito da troca simbólica.

Assim dito, é possível identificar que, para Freud, a linguagem tanto quanto o aparelho de linguagem, são algo da natureza de um trabalho de construção e aquisição. Resumidamente, a aquisição da linguagem e, portanto, a construção do aparelho de linguagem se fazem por uma aprendizagem que integra processos de ordem motora e sensorial em uma unidade indivisível.

Feitas estas considerações, parece lícito afirmar a relevância do texto de Freud no que concerne ao estudo das afasias, tanto no campo nas neurociências como no campo das ciências humanas, não somente por seu caráter de ruptura, mas também pelas perspectivas que ele abre ainda no fim do século XIX – a hipótese funcional para o cérebro; o postulado de um aparelho de linguagem; a transcendência da idéia de língua para a idéia de uso, de funcionamento; a subjetividade, pautada no princípio de indeterminação da linguagem (postulado por Franchi, 1976/1977); a não-dicotomização das relações entre normalidade e patologia *etc.*

A articulação que se propõe não parte de uma idéia de aplicabilidade, mas fundamenta-se na possibilidade de encontrar, em Freud, uma abertura para o entendimento do fenômeno afásico para além daquilo que a doutrina localizacionista – com sua concepção elementarista e sensorialista atravessando boa parte do discurso neurológico e afasiológico do século XIX – poderia explicar no tocante à linguagem, aos processos cognitivos e as formas de relação entre ambos.

A esse respeito Foucault (1977/1998) salienta que a Medicina do século XIX – contexto no qual está inserido o trabalho de Freud – requer, da prática médica, que o conhecimento a respeito da patologia seja obtido pela “*subtração do sujeito doente*”, num movimento que cuidadosamente descarta possíveis variações à essência nosológica. No entanto, o autor afirma que a doença nunca pode se dar fora de um temperamento, de suas qualidades, de sua vivacidade porque “*mesmo que ela mantenha sua fisionomia de conjunto, seus traços sempre recebem, nos detalhes, colorações singulares*”.

É assim que, por uma mudança no modo de enxergar a questão da linguagem, podemos dizer que a questão das afasias ganha um outro peso com o trabalho de Freud: ao criticar o localizacionismo, Freud rejeitou amplamente uma noção elementarista acerca da linguagem, que não está, segundo ele, “contida” numa região do cérebro, mas que tem seu lugar em toda sua extensão, ainda que algumas partes sejam particularmente importantes para o seu funcionamento. Nesse empreendimento, Freud deixa aberto o caminho para que se contemple a linguagem em sua dimensão de uso, o que, conseqüentemente, obriga a pensá-la em termos de discurso e de funcionamento, e também em termos das poucas garantias que, não raro, caracterizam nossa experiência como seres de linguagem.

Numa obra posterior ao ensaio sobre as afasias, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1987) e, ao que parece, mantendo o mesmo grau de inspiração, Freud demonstra com grande riqueza de detalhes como o homem não pode colonizar – como vem colonizando tudo há séculos – o campo da linguagem. Ele não é senhor do que diz. É com frequência ultrapassado na sua intenção consciente, fala sempre mais ou menos do que julga dever ou querer (Rubião, 1996).

De acordo com Morato (2000), estudar a afasia representou, para Freud, a possibilidade de estudar uma porta de acesso ao inconsciente (daí o interesse pelo ato falho, o lapso, o esquecimento, as parafasias *etc*) e para a constatação de um modo de existência permanentemente afásico e constitutivo da linguagem normal. E a autora acrescenta:

“Não é apenas sob densidade emocional ou fadiga física ou mental que podemos – nós, pessoas não-afásicas – sentir na pele os efeitos da afasia: não é raro faltar-nos as palavras (o fenômeno ‘ponta da língua’); podemos falar confusamente e desse modo entendermos tantas outras coisas; deparamo-nos freqüentemente com o indizível, em geral de maneira desalentada; perdemos não raras vezes o ‘fio da meada’; enfrentamos não raramente dificuldades com a língua escrita e suas normas; cometemos lapsos fonéticos e arriscamos nosso neologismos mesmo que não tenhamos seguidores; ficamos muitas vezes às voltas

com frases incompletas e nem sempre indicamos ao nosso interlocutor a melhor direção argumentativa do que estamos a dizer”.

Mesmo diante de tantas contingências, a comunicação, a interação, a significação continuam sendo possíveis, apesar de, como é possível vislumbrar por esses exemplos, não ser o sujeito, em sua reversibilidade constante de papéis, um falante ideal o tempo todo, pois, como já é possível constatar, um sujeito afásico não é sempre afásico e tampouco um sujeito normal é sempre normal (Coudry, 1998).

Para finalizar, é lícito dizer que muitas das concepções assumidas por Freud em *Sobre as Afasias* ecoaram decisivamente sobre aquilo que todo o empreendimento psicanalítico trouxe posteriormente: a alma humana não é uma coisa, é antes complexa e extremamente instável. Segundo o ponto de vista assumido aqui, francamente inspirado em Freud, é precisamente nessa complexidade que reside o impulso criativo do homem: “*Seres humanos são interessantes precisamente porque não podem ser capturados por fórmulas pré-fabricadas*” (Roazen, 1999). É aí que consiste a possibilidade humana de reação e reajuste, de superação dos sofrimentos físico e psíquico e das contingências e transformações abruptas impostos, por exemplo, pela condição extrema do contexto de uma patologia cerebral, tal como a afasia.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- BIRMAN, J. (1993). A linguagem na constituição da psicanálise. In: *Ensaios de teoria psicanalítica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- COUDRY, M.I.H. (1986/1988). *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1997). “10 anos de Neurolingüística no IEL”. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 32: 09-23.
- _____. (1998). Afasia e subjetividade. XLVI *Seminários do GEL*. Unesp: São José do Rio Preto.
- FOUCAULT, M. (1977/1998). O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FRANCHI, C. (1976). Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem. Tese de Doutorado. Inédita. Campinas: IEL/UNICAMP.
- _____. (1977). Linguagem: Atividade Constitutiva. In: *Almanaque*, 5. São Paulo: Brasiliense.
- FREUD, S. (1891/1953) *On aphasia*. Nova York: International Universities Press.
- _____. (1891/1972) *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1891/1975) *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- _____. (1891/1983) *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF.
- _____. (1901/1987). Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. ESB. Rio de Janeiro: Imago.
- GARCIA-ROZA (1998). Sobre as Afasias (1891). In: *Introdução à Metapsicologia freudiana*. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- MORATO, M.E. (2000). As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social. *Mimeo*.

- ROAZEN, P. (1999). Como Freud trabalhava: relatos inéditos de pacientes. São Paulo: Companhia das Letras.
- RUBIÃO, L.L. (1996). A trama dos nomes: considerações sobre o papel da linguagem na obra freudiana. Tese de Mestrado. IFCH/UNICAMP.
- SACKS, O. (2000). A outra estrada - Freud como neurologista. In: Roth, M.S. (Org.) *Freud – Conflito e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- STENGEL, E. (1975). Prefácio. In: Freud, S. *La Afasia*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- VERDIGLIONE, A. (1972). Prefácio. In: Freud, S. *A Interpretação das Afasias*. Lisboa: Edições 70.